

3
E S C U D O
A P O L O G E T I C O ,

CONTRAPOSTO AOS GOLPES

DO

DÊSCUIDO CRITICO,

COMPOSTO PELOS

SAPIENTISSIMOS DOUS CENSORES

DE

X, DATO FEMINEIS,

COLLEGIAES DO ANTIGO COLLEGIO DE GESTAS,

fundado nas obras novas, e imperfeitas, que estaõ no citio
da Cotovia,

O F F E R E C I D O

AO MUITO GENEROSO, E ANTIQUISSIMO SENHOR

CARTAPACIO DE PRETERITOS,

P O R

ANDRE PAULINO CARREGUEIRO DA COSTA BOTADO,

E

MARCOS VALENTIM PA' O BOTELHO PEGADO,

*Guardas da Bibliotheca do Hospicio publico do Loreto desta Cor-
te de Lisboa Occidental.*



LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina

DE MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças necessarias.

Da-se aos Curiosos na mesma Officina, aonde se imprimio.

E Sta he a primeira vez, em que a hum tão authorisado Mecenas se pede a sua protecção de justiça. Ainda que V. M. nunca foy homem de duas caras, por dous titulos, que logra a sua casa, tão antiga como os Preteritos, patrocinou ao mesmo tempo duas obras entre si oppostas, e contrarias. Favoreceo a primeira com o generoso titulo de Cartapacio de Generos, e amparou a segunda com o titulo muito antigo de Cartapacio de Preteritos. Animarão-se os dous Collegiaes Gestianos, doutissimos Censores da primeira obra, a implorar a sua generosa protecção, por que entenderão, que se V. M. a patrocinava, por comprehender dentro da sua dilatada esphera aos Generos, que tudo comprehendem: tambem devia apadrinhar a sua Critica, que por ser de huns successos já passados, era da jurisdicção dos Preteritos. Mas como V. M. na primeira regra deste seu segundo titulo ordena, que os compostos sigão quasi sempre as Leys dos Simples: *Simplicium leges ferme conjuncta sequuntur*: seguindo a Critica de dous Simples, vão, em observancia das suas Leys, buscar a sua protecção estes nossos discursos mal compostos. Com ser infinito o numero dos Simples: *Stultorum infinitus est numerus*. Não seguimos, nem perseguimos nesta composição mais do que a dous Anonymos, que com o titulo de Censores do Descuido do nosso Bibliothecario manifestão a sua grande simplicidade. Para seguir em tudo esta Apologia aos Senhores Collegiaes Simples, como V. M. nas suas Leys tem ordenado, vay tambem buscar o seu antigo, e generoso patrocinio, confiada, em que conseguirá esta mercè de justiça, por obedecer pontualmente, ao que V. M. manda. Deos nos conserve na sua graça, como lhe pedimos. Lisboa Occidental no Hospicio do Loreto I. de Dezembro de 1732.

Creados de V. M. muito obrigados,

ANDRE' PAULINO CARREGUETRO DA COSTA BOTADO.

MARCOS VALENTIM PA'O BOTELHO PEGADO.

PRO-

PROLOGO AO LEYTOR.

Entre as mayores regalias, que lograõ os Collegas deste publico Hospicio, se devem numerar as propinas, que dos frontispicios dos Livros, e outros muitos papeis novamente impressos em Lisboa, costumão os seus vaidosos Authores mandar logo fixar nas lapidificas estantes da nossa publica Bibliotheca; porque em sahindo dos Prelos expoem em Estantes de marmore à curiosidade de infinitos Leitores (tanto de dia, como de noite) estes literarios tributos. Com estas propinas, sem comprarmos nenhuns livros, temos neste Hospicio huma grande Livraria, em que se achão alguns Volumes, que faltão nas mayores, e mais famozas Bibliothecas da Europa. Aqui se achão o *Auto, e Colloquio do Nascimento, o Auto de Santo Aleixo, o Auto de Santo Antonio, o Auto de Santa Barbara, o Auto de Santa Catharina, o Auto de Santa Maria Egypciaca, o Auto, ou Vida de S. João de Deos, o Auto do dia do Juizo, o Auto da Barca, o Auto do Fidalgo Aprendiz, o Auto das Padeiras, o Auto do Cazeiro de Alvalade, o Auto da segunda Barca, o Conselho para bem cazar, o Pranto de Maria Parda, o Infante D. Pedro, o de D. Duardo, o Tratado dos Passos, e Lafarilho de Tormes, os Avizos contra os enganos, a Pratica de tres Pastores, o Tratado das Lições da Espada Preta, as Trovas da Menina formosa, a Magalona, o Marquez de Mantua, ou Valdevinos, a Emperatriz Porcina, a Malicia das Mulheres, o Terremoto de Roma, a Ousadia do menino morto, o Novo Auto da Barca, o Auto da Fortaleza, e outras muitas curiosidades, que fazem muito famoso o nosso Muleo. Nem temos necessidade de mayor, nem de melhor Livraria, como tambem de outro estudo, para sermos eruditos; porque hoje só com a noticia dos nomes dos Authores, ou dos titulos de alguns livros, e papeis impressos ostentão muitos homens a sua vastissima erudição.*

Pela facilidade, e felicidade, com que por este modo se estuda, não apparece papel impresso nesta Corte, que logo neste Hospicio se não leya. Porém nenhum foy visto com mayor attenção, do que o *Descuido Critico* dos Sapientissimos Collegiaes Gestianos, Anonymos Censores de X, *Dato Femineis*, por criticar huma obra, que compoz com tanto acerto o Senhor Vasco de Mendanha Coelho, que em premio do seu merecimento, com geral approvação deste Hospicio, o remunerou o nosso Presidente o Senhor João de Andrada com o emprego de *Bibliothecario* deste Collegio. E conhecendo algũs dos nossos Collegas, que por credito do Hospicio se devia responder a esta *Critica* com huma publica Apologia, determinarã, que se examina sem primeiro todos os seus pontos em huma junta secreta, feita dentro na nossa Livraria. Para esta conferencia torã chamados por Carta do Senhor Presidente do Hospicio todos os *Mariolas* do Terreiro, Rocio, Ribeira das Nãos, Magdalena, S. Nicolao, e do Caes de Santarem, da Pedra, e do Carvão; advertindo a todos, que se ajuntassem sem falta, por ser assim necessario ao credito do *Mariolismo*, a quem

fazi a guerra declarada os Collegiaes do Collegio Gestiano, fundado nas obras imperfeitas da Cotovia. Chegãrao todos em hum destes Domingos pela manhãa, e vendo-se tão numerosos, imaginãrao, que haviaõ de dar logo alguma batalha, ou de sustentar hum porfiado cerco; e todos se confirmãrao neste pensamento, vendo-se às onze horas assentados a huma Mesa; porque como a Mesa he aquelle campo de batalha, em que se vive do que se mata: aquelle perigozo emprego, aonde, para cada hum fazer a sua obrigação, deve ter estomago para tudo: aquelle doce despojo, em que os sofregos metem tudo a ataque, e com tudo se não daõ por satisfeitos: aquelle continuado avance, em que tem partido, e perdido tantos a cabeça: nenhum duvidou, que nesse dia haveria grande batalha, vendo no campo da Mesa grande abundancia de munições de boca, e tendo todos ordem para marchar. Ao meyo dia desejavaõ todos a batalha, porque não só não temiaõ ao inimigo, mas antes lhe tinhaõ já boa vontade. Havia grande numero de gastadores, e grande copia de armas, entre as quaes se achavaõ algumas espingardas reforçadas, que se atacãraõ atè a boca. Havia polvora para todos; porque os frascos estavaõ bem cheyos.

Por aqui se resolvẽraõ todos a principiar a batalha, que se continuou com mayor calor, quando se avistou o loccorro de Figueirõ dos Vinhos, com que se tinha reforçado o inimigo. Não houve nenhum *Mariola* tão fraco, nem tão covarde, que ficasse com a espada na bainha; meteraõ todos ao final de investir as mãos aos copos, e derramou-se muito sangue de velhos. Neste choque ficou logo mal ferido hum Borrachaõ de Campanha, a quem chegãraõ todos ao couro por muitas vezes, e o apertãraõ tanto, que estava continuamente lançando golfadas de sangue pela boca. Este castigo foy bem merecido por ter este Borrachaõ consentido a liga da marmelada com vinho, que foy huma parvoice. Avistãraõ nesta refrêga hum Esquadraõ Volante, em que fizeraõ tanto estrago, que os mortos cahiaõ como Tordos. Succedẽraõ immediatamente duas Alas de Frangãos, contra os quaes marchãraõ com tanta raiua os *Mariolas*, que a unhas, e a dentes lhe fizeraõ logo abater as cristas. Mayor resistencia achãraõ em outros Aventureiros, que investiraõ, como se foraõ tão fracos como galinhas, mas a experiencia lhes mostrou, que tinhão bons figados. Seguirãõ-se os Ganços com boa fórma, porém não lhes valèo a guarnição que tinhão; porque entre todos, elles principalmente pagãraõ o pato. Quando estes se retiravaõ feitos em pedaços, entrãraõ em seu lugar dous corpos de Indiaticos, que vieraõ da Conquista do Perù, os quaes erãõ tão valerosos, que pelejãraõ a peito descuberto. Faziãõ lhe espaldas dous Terços de Eunuchos vulgarmente chamados Capoens, a quem animava com a sua gente o Capitãõ Coelho por alcunha o *Villaõ*, que ao principio deu especies de grande valor, mas ao depois mostrou, que unhaõ muito de cebolla. Aqui sabio de contra marcha o

Regimento da Porcariga, que deu ao *Mariolismo* muito, que fazer, aindaque voluntariamente se retirou destroçado, ficando muitos alombados, principalmente Monsieur Leitão com huma penetrante ferida na cabeça, e tão grande, que lhe apparecião os miollos. A' vista deste destroço picarão de roda Dom Payo Salgado natural do Alem-Tejo, que pouco tempo antes tinha vindo tomar lingoa. Rendeo-se Monsieur Lacão de Lamego com huma ferida em huma perna, da qual pouco depois acabou, não obstante ter sido por muito tempo bem curado. Estando todos fatigados, e quasi enfastiados da marcha, e da peleja, mostrando que tinha fevra o Esquadrão da Vacariça, e vimos o caldo quasi entornado. Quiz Deos, que se retirou para o Campo do Curreal, que a não ter assim, havião de tornar todos os *Mariolas* à vaca fria; porque lhe hia chegando a mostarda aos narizes. Com esta retirada parecia estar de todo vencido o inimigo, eis então quando avistarão os *Mariolas* hum grande Esquadrão de Castanhas em fôrma de ouriços, e aindaque logo foy roto com muito fogo, com tudo difficultarão muito a vitoria, por lhe acudirem todas as frutas, principalmente as Romãas com grande copia de granadas, e custaria o triunfo ameixas de conserva, se não desmayarão todas, vendo a hum melão com as tripas fóra. Aqui renderão as uvas toda a bagagem, e entre as pessoas de distincção ficarão prisioneiros alguns Senhores da Casa de Alva, Fernão Pires, Rodrigo Affonso, e hum Principe da Ethiopia muito Fidalgo, ainda que bastardo. Perdida a batalha, hião fugindo os figos com o Regimento do Algarve, e com tanta preça, que ao tempo, que lhe quizerão sahir ao encontro, já erão passados. Nesta emboscada lhe fez o inimigo rosto com huma Cara de assucar, a cuja disposição estavam todos os doces, governados pelo Principe das marmeladas; mas como vio tudo destroçado, mandou tocar as caixas a recolher. Como já não havia, quem nos fizesse papo, levantamos o campo, encontrando alguns palitos, com que esgravatamos os dentes. No fim de raão todos os Senhores *Mariolas* graças a Deos pelo bom successo, e antes que cada hum se recolhesse ao seu quartel, se lhes deu noticia de outra contenda mais arriscada.

Leo-se a todos a *Critica* dos Senhores Censores de X, *Dato Famineis*, e ventilados (em auzencia do Senhor *Bibliothecario*) todos os seus fundamentos, por reconhecerem alguns destes Senhores não terem os Criticos outro motivo senão o da inveja, votarão, que a melhor confutação era o desprezo; mas como nas Communidades grandes raras vezes se conformão os animos, e os juizos, pervaleceo a opinião contraria, sustentando com boas razões, se lhe devia dar logo a resposta. Elegêrão para isto em Claustro Pleno aos dous Guardas da Bibliotheca, para que defendessem o credito do Hospicio, sem occuparem ao Senhor *Bibliothecario*; porque convinha ficar livre deste empregò, para poder occupar-se em outras obras de mayor gloria do Collegio, e utilidade da Republica.

Para lhe darem esta incumbencia, foy chamado o Senhor *Bibliothecario* à Mesa, e depois de tomar assento, leraõ os Guardas da *Bibliotheca* o *Phenomeno*, o *Sarrabal Saloyo*, o *Sonho d'El Rey de Maquinez*, a *Onomatopeia*, a *Historia Galega*, as *Consequencias do Phenomeno*, a *Carta de Constantinopla* traduzida por *Sebastião Pires Correya*, e o *Eclipse do Imperio Ottomano*, e sobre estes papeis lhe mandaraõ interpor o seu parecer, entendendo seria tão acertado, que poderia fahir a luz composto com a sua grande erudição, e costumado engenho. A respeito do *Phenomeno*, *Sarrabal Saloyo*, *Historia Galega*, e do *Sonho d'El Rey de Maquinez* disse em poucas palavras, que tudo aquillo era sonho, em que naturalmente quanto representa a fantasia, he hum grande desproposito; porque todas aquellas ideas eraõ sonhos; e aonde são muitos os sonhos, ainda são mais as vaidades: *Ubi multa sunt somnia, plurima sunt vanitates.* (Ecclesiast. 2. 15.) Sobre a *Carta de Constantinopla* ditcorreo, mostrando, que não era composta, nem escrita pelo Mercador Francez, senão por algum Turco do Imperio Ottomano; porque o seu estilo, discurso, e fraze em tudo era barbaro. Provou, não serem as *Consequencias do Phenomeno* illações deduzidas com bom discurso das suas premisias. Dezacreditou o *Eclipse do Imperio Ottomano*, affirmando, que o seu Author andara por todo o Mundo à *gandaya* buscando preciosidades entre immundicias; porque com vozes barbaras, e palavras Portuguezas, descrevendo ricos Templos, Thronos preciosos, e magnificos Palacios fez hum discurso elegante. Mostrou ter a *Onomatopeia* além de muitos erros do juizo de seu Author, outros muito mayores, por culpa de hum Corrector já falto de vista; porque deixou passar *Bosphoro* por *Phosphoro*; fazendo tambem com o seu grande descuido a *Christierno* (e não *Christiano*) IV. Rey de Dinamarca não menos do que pay de si mesmo; porèm como o seu Author promettia no fim huma Embaixada, e de presente tinha vindo a esta Corte hum Passaro de Turquia, que fora morto nos Bosques de Pancas, queria referir os effeitos, que nos Animaes daquellas Selvas tinha feito a sua Embaixada, para com esta relação mostrar o conceito, que os *Mariolas* deviaõ fazer daquella obra. Vendo, Senhores, o Leão, que por nascer coroadado he por direito natural Rey dos Animaes, e ao mesmo tempo, que estava enfadado de viver nas brenhas sem o decoro devido à sua grandeza, e Magestade, o vinha convidar com o governo do Imperio Ottomano aquelle desconhecido Passaro, convocou para as sombras de hum bosque o mais luzido dos seus subditos, para com elles povoar huma populosa Cidade, que pretendia edificar à maneira de Lisboa, para ser (como está profetizado) a Corte deste quinto, e ultimo Imperio do Mundo. E examinando as qualidades, prendas, inclinaçoens, exercicios, e obras de cada bruto, escolheu os animaes, que lhe pareceraõ mais aptos para o Governo Politico, e Militar; distribuindo por elles as dignidades, e officios assim nobres, como mechanicos da nova Republica por este modo.

Chamou primeiramente à sua presença o Lynce, a quem honrou com o titulo de Vedor mór, e mandou-lhe, que edificasse Palacio na Boa Vista, emprego, que o Lynce accitou de boa vontade, porque havia muito tempo, que estava com os olhos nelle. Em segundo lugar chamou hum Cão de caça, a quem deu o titulo de Monteiro mór, fazendo-o Senhor de Faro de juro herdade para si, e seus filhos, e deixandolhe o dominio de Pé de cão, mas este Cavalheiro, passado algum tempo, se retirou da Corte, porque hindo com ElRey hum dia à caça, o tratou como hum podengo; porèm attendendo o Leão aos seus grandes, e leaes serviços, deu a seu Primo, que era hum Cão de agoa, a superintendencia dos portos molhados. A terceira sorte cahio sobre o Boy, que o Leão proveo com o titulo de Official mayor da Junta, e Superintendente das carruagens, com huma Commenda na Vacariffa, e para seu Palacio lhe deu o Campo do Curreal. O quarto escolhido foy hum brioso Ginete, a quem fez o Leão a mercè do titulo de Cevadeiro mór da Casa Real, e logo teve lugar em huma Tropa de cavallos; a este se ajuntou hum Mosquito por trombeteiro, e destinou-lhe para sua habitação o Val de Cavalinhos. Seguio-se o Ouriço Cacheiro, o qual se deu por bem accommodado com o fazer Senhor de Chaõ de Macãs, e Dizimos de Pomares. Proximo a este foy despachado o Camaleão, a quem fizeraõ Senhor de Buenos Ayres, deputandolhe para vivenda o Bairro alto. Com igual fortuna conseguiu o Macaco ser Governador da Torre do Bogio. O Caruncho foy eleito Governador da Ilha da Madeira, aonde lhe deu o Leão huma Commenda.

Imaginavaõ todos os Animaes, que já os lugares, e os empregos de mayor reputação, e honra estavaõ providos nos Pretendentes: quando o Leão, lembrado de que estavaõ ainda vagos alguns Officios, e occupações da Casa Real, nomeou logo a Corça para Dama do Paço, a Traça para Guarda roupa, a Cabra para Ama de Leite, ao Carneiro para, como Corregedor do bairro, acompanhar o Executor da Justiça no Campo da lã; e para o Povo viver com mayor commodidade, lhe fez mercè do sitio de Val Verde. Estava neste tempo muito desconfiado a quelle Bichinho de Hierusalem, que ha poucos annos chegou a Portugal em huma Gazeta; porque sendo taõ celebrado, e de partes taõ extraordinarias, que o não havia mais bem pintado, ainda assim não fazião cazo d'elle; porèm o Leão o fez seu Camarista, e para o servir com menos trabalho, lhe ordenou, que passasse logo das casas do Arco dos Cegos para o Arco das Mentiras. Inculcou o Camelo a sua grandeza, que desejava ver remunerada com algum cargo na Corte do Leão, e fez nesta pretensão tanta força, que levou o de Mariola Mór, e para sua habitação o Verdepezo. Reconciliando-se a Onça com o Leão seu inimigo, lhe fez este Rey mercè do lugar de Juiz da Balança. Prevendo o Leão, que os Estrangeiros haviaõ de estabelecer o commercio dos vinhos, deu à Lagarta das vinhas o Consulado dos Inglezes.

Repartidos por este modo os empregos, e officios politicos nas pessoas mais benemeritas, nomeou para os postos Militares os fogeitos mais valentes; e com tudo não faltaraõ descontentamentos, mostrando-se muito sentido o Elephante, que por lhe não darem lugar competente à sua grandeza, ficou trombudo. Dizem, que a causa de não ser provido, conforme o seu merecimento, fora; porque em hum dia de bejamaõ na presença d'ElRey não dobrára o joelho. Constando ao Leão a grande prudencia da Serpente, a nomeou por Coronel do Terço dos Dragões. Para Assentistas nomeou a Formiga, e o Gorgulho. Excluirão alguns Zelosos do serviço d'ElRey a huma parenta deste Coronel, que de raivosa parecia huma Vibora. Na repartição dos officios mechanicos não houve descontentamentos; porque a Abelha facilmente se deo por contente com officio de Serieira, ficando sua filha por Moça da vèla. O Coelho accomodou-se com o officio de Sarralheiro, o Lobo de Carniceiro, a Lebre de postilhaõ, o Rato de Dispenseiro, e a Aranha de Armador. Foy muito para rir, ver, e notar a variedade de effeitos, que na Republica dos Animaes causou a novidade, e differença dos despachos. Os escolhidos, e benemeritos celebravaõ com desentoado applauzo a sua eleição, e felicidade; e os excluidos, e defenganados por diversos modos publicavaõ o seu grande sentimento. Lembrame, que vinhaõ alguns Animaes venenosos dizendo sapos, e lagartos. A Toupeira teve tão grande pena, que se foy enterrar viva. A Doninha sempre andou gritando em casa. O Bicho da Seda rebelou-se contra a Corte, e Reyno dos Animaes terrestres, e passou para o Imperio das Aves. A Raposa adoeceu de pura melancolia, pela não elegrem para Conselheiro de Estado, e ha muito tempo, que està de regimento, não passando de galinha. A Cigarra gritou com tanta força, que rebentou de paixãõ. O Gato botou por estes telhados. O Bode para mayor demonstraçaõ do seu grande sentimento, nunca mais fez a barba; e o Caracol não tornou a sahir de casa. Porém ainda foraõ mayores os disgostos na Corte de Leão, quando os Senhores do Governo viraõ, que o *Passaro Embaixador* a pezar da morte deixara a *Lisboa fingida*, e viera para a verdadeira Lisboa dar a sua Embaixada, aonde resuscitou, como a *Phenix das tempestades*, à nova vida, porque dentro no Paço lhe deu outra alma a pintura. Não pode a morte violenta impedir aquella Embaixada, que parece tinha disposto a Providencia; e à vista de tão extraordinario successo, mostrou, que deviamos dar credito, ao que se publicava na *Onomatopeia*; porque se o Monarcha, a quem devia render obediencia o Imperio Ottomano, era *Agua*, e não *Leão*, não para o *Leão*, mas para a *Agua*, veyo de Turquia voando, como Embaixador, hum tão famoso, e celebrado Passaro.

Com esta relação do *Bibliothecario* ficou tão estimada entre os Mariolas a *Onomatopeia*, que por estar já extincta a sua impressãõ, sahio segunda vez a luz da *Officina da Confeitaria*; porque como tinhaõ chegado de Coimbra a esta

a esta Corte de Lisboa todos os doces, para seguirem o seu agravo na Casa dos *Supplicacionis*, tivèraõ todos estes, e outros papeis muito gasto. Contaremos brevemente esta novidade por ser importante, e muito gostola esta noticia. Havia muitos annos, que os Estudantes de Coimbra traziaõ os doces entre dentes, atè que foraõ denunciados no Collegio da Baeta por dous crimes, que contra os Academicos tinhaõ cõmettido, pelos quaes deviaõ ser asperamente castigados. Era o primeiro, terem dado grandes pancadas nas suas bolças, e às vezes nos vazios: e o segundo fazerem tanto mal à faude dos Academicos, que eraõ muito poucos, os que não morriaõ pelos comer. Estes Crimes se fizeraõ mais aggravantes com a circumstancia da aleivosia; porque se provou, que para causarem este damno, a todos faziaõ primeiro a boca doce. Enfurecèraõ-se tãdos contra os doces de forte, que os queriaõ engulir. Outros lhe tinhaõ tão boa vontade, que os come-rião a bocados. Chegaraõ a ver-se os doces tão perseguidos, que a muitos não valeo o Sagrado, estando reclusos nos Conventos das Freiras. A outros quebraraõ a carta de seguro, que se lhes tinha passado pelo seu Conservador; e como se todos foraõ freiraticos, como os *bolos de grade*, a todos se ordenou, que apparecessẽm na Mesa para fazerem termo.

O primeiro, que appareceo naquelle severo Tribunal, foy o Paõ de Lò, que como não sabia com certeza, em que estava culpado, entrou, conforme costumava, todo sofo, e vestido de amarelo gemado; porèm ouvindo os delictos graves, de que o arguiaõ, e não tendo outra defeza, allegou, que os cõmettèra estando bebado; e por não parecer bastante esta desculpa, mandaraõ os Juizes, que como bebado morresse afogado em vinho. Seguiu-se o Assucar rozado, e vendo, que lhe mandavaõ correr folha, disse todo delambido, que se não alterassẽm, nem enfurecessẽm contra elle os Senhores Juizes, porque facilmente se purgaria de todos os imputados delictos, por ser pessoa, que pertencia ao Foro da Botica, para onde declinava. Receberaõ-lhe a excepção declinatoria, ordenando, que havida verdadeira informaçãõ, se fizesse o que dissesẽm tres Boticarios. Com desigual fortuna sentenciaraõ ao Caramello. Vendo elle, que os seus delictos eraõ tão claros como agoa, pedio com grande humildade, que lhe perdoassẽm, attendendo-se, a que no Verão passado lhe confiscaraõ os bens, chupando-lhe os goloços, quanto tinha; mas por não ser recebida a sua defeza, julgaraõ, que fosse lançado pela agoa abaixo. Melhor succedeo ao Alfenim, porque sendo convencido, deu tantas voltas ao seu negocio, atè que escapou. Estavaõ neste tempo tão pequeninos os Confeitores, que bem mostravaõ o grande medo, que tinham; e com muita razão, por estarem condemnados a morrerem enforcados; porèm enfim livraraõ por menores. Isto não poderaõ conseguir os Talos de Alface, por serem já talucos, e muito espigados. Ninguem esperava, que as Amendõas tivessem bom succet-

fô, porque além das culpas commuas, vinhão algumas muito crespas; com tudo tiverão tantos amigos, e tantas razões a seu favor, que fahirão livres; porém com condição, que ferião obrigadas a acompanhar os Estudantes, que pela Somana Santa corresse as Igrejas. A marmellada, que estava bem desconfiada da sua causa, conseguiu hum favor não esperado na grande variedade de votos dos Juizes, porque huns eraõ de parecer, que a comessem crua, outros votaraõ, que a fizessem em bocados. Esta discordia se compoz, convindo todos no parecer de alguns Politicos, que a davaõ por absoluta da instancia, por ter sido muito util para o Reyno na dieta de Cambray. Semelhante felicidade esperavão os Peflegos de Coimbra; mas succedeo-lhes tão mal, que publicamente lhe correrão a caixa. A Abobora padecco mais que todos os doces, porque a ralarão, e a Chilacayota esteve à dependura por hum fio. Entrarão muito confiadas as ameixas, cuidando, que tinhão huma mina de carço; mas sabido o caso, custou-lhes o livramento ameixas de conserva; porque tiverão por grande felicidade não serem condemnadas em mais penna, que reclusão perpetua em Santa Clara, aonde se mandou que fossem feitos em picado certos pastelinhos. As Peras tinhão culpas em aberto, mas souberão-se cubrir. Os doces do Natal como mais fogosos appellarão da Sentença para a cata dos *Suplicacionis*, e gastaraõ tanto na demanda, que empenharaõ os Morgados; mas estavaõ com animo de fahir de festa, e correrem cannas de assucar, e argolinhas de doce se tivessem sentença a seu favor, como provavelmente terãõ provimento na appellação, porque o Massapaõ no seu depoimento jurou pela hostia, que não tinhaõ culpa. Com grande tyrannia, e sem razão sentencæaraõ a Escorcioneira; porque estando innocente, por sentença publica lhe mandaraõ quebrar as pernas. O celebrado Melaõ de Santarem esteye em grande perigo; mas como era Letrado, e não tinha pevide na lingua, arrezouo tambem a sua causa que vendo o Promotor Fiscal as suas razões se callou como melaõ. Os Limões, que tinhão vindo do Brasil em conserva da Frota, avocaraõ a sua causa para esta Corte, e foraõ remetidos ao Limoeiro. Estavaõ muito empenhados os Juizes em confiscarem os bês aos Ovos Reaes, por serem muito ricos; mas livraraõ felizmente porq̃ os seus bês erãõ vinculados em Capella. Não desfayava à vista deste rigor o Manjar branco fiado nos seus bons, e muitos amigos, mas sabindo condemnado, a que lhe comessem as tetas ficou de todo mamado. Afirmavaõ os Juizes, que haviaõ de frigr os Sonhos; porém elles se defenderaõ, provando com fortes razões, que as suas culpas eraõ sonhadas, e mostrando, que não havia Ley, que mandasse castigar delictos cõmettidos por sonhos. Finalmente como o Assucar era a cabeça destes Criminosos, e complice nos seus delictos por voto de todos os Juizes foy queimado. Sentio-se geralmête em Coimbra esta desgraça do Assucar, por ter hũ fogeito de tão peregrinas partes, e de grande engenho, como tinha mostrado nas occasiões, em q̃ esteye de ponto. Tinha hũa condi-

dição tão suave, que para dar gosto a todos se fazia em mil manjares, tratava a todos com genio tão festivo, q̄ velo em qualquer galhofa eraõ cannas, e nas festas dos Mascarados apparecia com differentes caras. Os doces de Lisboa ficaraõ tão envergonhados com as sentenças, e castigos, que se executaraõ nos seus parentes em Coimbra, que atè não sahirem os recursos, que se esperaõ, não tem cara para apparecer, e dentro em suas casas estaõ quasi todos empapelados. Nisto consumiraõ os papeis, que se imprimiraõ em Lisboa, com grande fortuna dos Impressõres, que a não terem este consumo lhes serviriaõ para mechas. Ficaraõ os Senhores *Mariolas* muito satisfeitos da grande capacidade, e boas noticias do seu *Bibliothecario*, cuja eloquencia celebraraõ com Musica de marimbas de Pretos, em lugar de charamellas, e com toque de chuchalhos de Aguardeiros em vez de repiques de sinos; e para empregarem o seu talento na composiçaõ de obras, que dessem credito ao Hospicio, mandaraõ que os dous Guardas da Bibliotheca fizessẽ esta Apologia em defeza do Senhor *Bibliothecario*, e que elle se occupasse em criticar os papeis referidos. Tomada esta resoluçaõ se desfez o Congresso, e principiou logo o *Bibliothecario* a compor a sua Critica, que brevemente sahirá a publico.

Entaõ conhecerãõ os Leitores de todos os papeis referidos, que os escreveraõ de noite com pennas mal aparadas as mesmas mãos, que de dia se tinhaõ exercitado com as enxadas; porque tal varredoura de noticias bem parece pa, enxada, e vassoura de Ribeirinhos. Algum dia celebrava com razãõ a nossa Corte a subtilidade dos conceitos de hum homem Official, que furava muito com a ponta da fovella; mas hoje he lastimosa cousa ver em Lisboa impressas as obras dos Albigebes, porque sahẽ todos os dias dos Prelos huns discursos, que na verdade saõ mantas de retalhos. Muito melhor seria, que sahissẽ estes papeis compostos por Esteireiros, Ourives, ou Tripeiras; porque das suas mãos sahiriaõ como os molhos mais bem atados, como os metaes mais bem ligados, e como as esteiras mais bem tecidos. Sendo as noticias do Calçado Velho, parecem nascidas na Rua Nova. Para povoarem o bairro da Esperança, não sabem hir buscar novidades se não à Mouraria; mas sem nenhum temor da mordacidade dos Zoylos, nem receyo da censura dos Momos mostrará brevemente o nosso *Bibliothecario* (como se lhe tem ordenado) que o *Sarrabal Salojo*, as *Consequencias do Phenomeno*, o *Eclipse do Imperio Ottomano*, e outros papeis, que sahirãõ da nova Officina de Maurício Vicente de Almeida não foraõ estampados no *Arco das Pedras negras*, senãõ depois de compostos no *Arco das mentiras*; porque os seus Authores facilmente juntaõ cousas tão firmes, e separadas, como o *Arco do Ouro*, e o *Arco dos Pregos*, para com a uniaõ de varios edificios fazerem (à custa de quem compra) não menos, que pregos de ouro. E sahindo a publico com estas obras, tão envergonhados estaõ de serem seus Authores, que deixando os seus nomes nos Cubertos, vãõ buscar outros nos Espaços imaginarios. Tudo

isto provarà com grande evidencia , e mayor confiança o nosso *Bibliothecario*, porque o Collegio dos *Mariolas* resolveo no ultimo ponto da sua conferencia, que havia de ser defensor destas Obras , contra a mordacidade dos Criticos. Não só protesta de multiplicar Apologias contra as esperadas , e já promettidas censuras , que os seus Authôres podem ter por tentações diabolicas ; mas promette de imprimir, não aos centores as obras, senão nos criticos as suas insignias. Todos sabem , que as insignias deste Collegio são huma gravata, como canga, hum laço, como corda, e hum bastão, como tranca; e para responder a quem os censura basta imprimirlhes a tranca pelas costas , porlhes a canga no cachaço, e apertarlhe a corda na' garganta.

Não querem dizer com isto, que intentão, como os Turcos , defender as Obras do Collegio às pancadas, porque somos tão politicos em Lisboa os *Mariolas*, q̄ estranhamos muito entre os Sabios estes escandalosos excessos. Censuramos a Joaõ Baptista Ignacio Veneziano dar huma quasi mortal punhalada em Reboitello por resposta aos pontos da tua Critica. Execramos o cruelissimo assassinio de Pedro Ramo executado pelos sequazes de Carpannier , querendo com huma violenta, e tyranna morte delagravar ao Philosopho Aristoteles, aquém o mesmo Ramo tinha impugnado com demasia. Detestamos o abominavel homicidio do celebre Mathematico Regiomontano, ou Joaõ Muller de Königsberg , ao qual por ter criticado os escritos de seu pay , matarão os filhos de Jorge de Trebizonda com veneno. Mas não podemos deixar de lembrar aos Criticos a quem esquece, e de advertir aos Censores , que o ignoraõ, que o mayor castigo para hum Critico de juizo , e de vergonha , he ver-se confundido com huma douta Apologia. Empenhando-se o mesmo Jorge de Trebizonda em censurar as obras de Plataõ, ficou tão envergonhado, e corrido com as repostas do Cardeal Bellarion , que perdeu quasi de todo o juizo, e ficou lastimozamente sendo objecto ridiculo de publicos escarneos. Entre Catholicos, e Herejes he hoje escandaloza a memoria de Gaspar Sciopio por querer desacreditar os escritos do celeberrimo de *Tou*, do grande *Estrada*, do insigne *Escaligero*, e do famosissimo *Vossio*; porque sempre cahiraõ na indignação dos Sabios os injustos censores, que murmurão sem razão dos Varões scientes, como succedeo nos seculos passados a Lycon, Anito, e Melito pelo atrevimento, com que criticaraõ a Socrates. Porém quando os Collegiaes Censores do nosso *Bibliothecario*, como Anonyms desconhecidos, não temão perder a reputação, por estarem os seus nomes incognitos, nem o juizo por serem homens loucos, saibaõ, que os Escriitores do Hospicio publico do Loreto não tem nenhum medo dos Criticos do Collegio de Gestas; porque sendo muitos os seus Collegas, e todos homens de grandes forças, armados com grossas, e boas tranças, não podem temer o rancho das catanas.

P Rincipiamos com tão grande auspicio a nossa Apologia, por onde sem vergonha acabamos o Prologo. Censurão os Senhores Collegiaes em primeiro lugar, como grande *Descuido*, dizer o Senhor *Bibliothecario*, que affistia no Hospicio publico do Loreto; porque com esta confissão ficava conhecido por *Mariola*. Provaõ esta proposição com a declaração, que o Senhor *Bibliothecario* tinha feito no seu Prologo; porque não podia deixar de ser homem de ganhar, dizendo, que fazia aquelle papel para o vender. Bem mostrão os Senhores Collegiaes nesta imaginada calumnia, que não são Candidatos do Parnazo. Os homens, que com venenosa penna defabafão, não são animados das Musas, as Furias os incitaõ. Reparando Sinclio, em que nunca tiverão as Musas altares separados, disse, que nisto se divizava a concordia em que sempre viverão. A emulação dos homens doutos não he discordia, he, como lhe chama Hesiodo, contenda discreta. Competir com o nosso *Bibliothecario* depois de lhe chamar *Mariola*, he querer emparelhar com elle na competencia; e quem deshonra ao seu competidor, a si proprio descredita. Sejamos competidores, e não inimigos, porq̃ feremos amigos, sendo pela igualdade semelhantes. Venhaõ embora todos os nossos Censores fazer-nos companhia neste Hospicio; porque neste Collegio não se fechaõ as portas, aos que buscaõ este refugio. A todos se daõ nelle as occupações, conforme as suas forças, para que ninguem se queixe, de que lhe daõ cargo com que não pôde. Os pretendentes, que nos outros Tribunaes não sahirem despachados, por lhes faltarem merecimentos, e lugares, vindo para o nosso Hospicio, com quaesquer merecimentos escolhem os lugares, e os despachos; porque tomaõ os cargos, e os assentos à medida do seu desejo. Nunca os nossos Collegas estaõ fóra do serviço da Republica. Os seus empregos duraõ toda a vida: entra-se nelles sem habilitação, nem exame, levaõ-se sem opposição, e nunca se lhes tira residencia.

Não deixem os nossos Censores de nos fazer companhia reccando, que lhes chamem *Mariolas*, ou, como elles dizem, *Homens de Ganhar*; porque todos os homens merecem o mesmo nome, exercitando-se em qualquer emprego. Não ha ninguem neste Mundo, que não seja, como *Homem de Ganhar*, Collega do Hospicio dos *Mariolas*. Todos os filhos de Adam devem ganhar o paõ para comer com o suor do seu proprio rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane*; e os que assim o comem, como nós tambem o ganhaõ. Para que nos lançaõ logo em rosto hum bocado de paõ, que nós comemos tão suado? Nós, como verdadeiros filhos de Adam, comemos o nosso paõ ganhado com o suor de nosso rosto, e os nossos Censores, se não são *Homens de Ganhar*, comem, como aves de rapina, o paõ não seu, adquirido com o suor do rosto alheyo. Estes, que nós temos visto muitas vezes no Campo da Lãa, com a corda na garganta, são os que nos censurão a corda no peço: estes, que là se sustentão em tres,

pãos, são os que motejaõ o pão, que nõs sustenta: estes, que murmurão de nõs trazermos hum cargo às costas, para sustentar a vida, são os que a perdẽm pela não quererem ganhar, morrendo com o carrasco às costas: e estes, que morrem enforcados, porque furtão, sendo huns ladrões sem vergonha, tem muito de que se envergonhar, não sendo vergonhoso para os *Homens de Ganhar* o seu honrado, e honesto trabalho. Não se envergonhavaõ nossos primeiros Pays, estando no Paraizo para trabalhar: *Ut operaretur, & non erubescerent*; mas tanto, que furtarão o fruto prohibido, ambos se esconderão, como envergonhados: *Abcondit se Adam, & uxor ejus*. No Sermão do Bom Ladrão disse o Padre Vieira, que faltavaõ poucas letras a Adam para Ladrão, e ao fruto não faltava nenhuma para furto; e tendo o furto fruto tão vergonhoso para hum homem a quem faltavaõ letras para ser ladrão, não se envergonhou de ser trabalhador. Envergonhar com o trabalho, e furtar com vergonha, para sustentar a vida, he degenerar das acções de nossos primeiros pays; porque se tiverão vergonha de furtar, não tiverão pejo de trabalhar, para comer: *In laboribus comedes*; e quem para comer tem pejo de trabalhar, como não pôde de outro modo sustentar a vida, para viver sem pedir, ha de furtar sem vergonha. Por tres modos ganhaõ os homens de comer: trabalhando, pedindo, ou furtando; e todos estes modos de ganhar a vida cobrem aos homens o rosto: o furto com a vergonha, o rogo com o pejo, e o trabalho com o suor; mas com a mesma habilidade com que os ladrões livraõ o rosto do suor, livraõ tambem a cara da vergonha; por isso com cara de pouca vergonha (envergonhados de pedir) pedem as bolsas, ou as vidas.

Não disputamos neste lugar qual destes tres modos de ganhar a vida he o melhor, e o mais honrado; porque o ladrão com o que junta não vive honrado, e morre sem honra. O pobre morre de fome, e não tem com que viva; e só o trabalhador tem com que viver; porque trabalhando para ganhar a vida, tem honradamente com que passar sem vergonha. He tão honrado o instituto dos *Homens de Ganhar*, que em todos os Estados, e em todas as Nações do Mundo, imitaõ aos Collegas deste Hospicio todos os homens honrados. Não olharemos para nenhuma parte do Globo Terraqueo, em que não vejamos os homens occupados como *Homens de Ganhar*. Huns veremos occupados em ganhar riquezas: outros em ganhar honras: outros em ganhar fama: outros em ganhar opiniaõ: outros em ganhar estimacão: outros em ganhar agrado: outros em ganhar victoria: outros em ganhar o jogo: outros em ganhar o valimento: outros em ganhar o premio: outros em ganhar a aposta: outros em ganhar o vento: outros em ganhar a occasiaõ: outros em ganhar o tempo; e outros em ganhar o Ceo. Esta he a negociação, que aos seus servos mandou fazer aquelle Rey, que com elles repartio os Talentos: *Negotiamini dum venio*; e os Servos, que com os Talentos negociaraõ, foraõ os que ganharaõ a gloria. Não he o mais admiravel, que

que os homens ganhem o Ceo, mas que o Ceo seja semelhante ao homem negociador: *Simile est regnum Celorum homini negotiatori*; e semelhante ao homem negociador, com quem o Ceo tem semelhança, são os *Homens de Ganbar*, porque só ganha quem negocea; e assim como não ha ninguem neste Mundo, que não seja homem negociador, tambem ninguem ha, que não seja *Homem de Ganbar*. Ganha o Cavador negociando com a enxada. Ganha o Lavrador negociando com o arado. Ganha o Official negociando com o Salario. Ganha o Mercador negociando com o Commercio. Ganha o Piloto negociando com o Navio. Ganha o Pescador negociando com a rede. Ganha o Letrado negociando com o Conselho. Ganha o Escrivão negociando com a penna. Ganha o Barbeiro negociando com a navalha. Ganha o Cirurgiaõ negociando com a lanceta. Ganha o Boticario negociando com a receita. Ganha o Medico negociando com a visita. Ganha o Musico negociando com a voz. Ganha o Ministro negociando com a vara. Ganha o Dezembargador negociando com a beca. Ganha o Soldado negociando com a espada. Ganha o Capitaõ negociando com a gineta. Ganha o General negociando com o bastão; e ganhaõ finalmente todos, os que não furtaõ, e licitamente negoceaõ.

Aquelle grande negociador da Corte Romana, que ganhou sete milhões e meyo de renda, dizia sendo Stoico, que se do Mundo tirassem os olhos alheyos, nada se faria do que o mesmo Mundo admira, e preza: *Nemo oculis suis Laurus est: ubi testis ac Spectator abscessit, subsidunt omnia, quorum fructus monstrari, & conspici*; (Senec. Epist. 9. 5.) e o mesmo succederã se do Mundo se tirarem as utilidades, e conveniencias proprias. Tirem-se os interesses, que os homens ganhaõ com os seus empregos, e veremos as Cidades despovoadas, os campos sem cultura, as occupaçoens acabadas, e o genero humano quasi extincto. Sem conveniencias, não haverã casamentos; e là vão os homens. Sem conveniencias, não haverã cearas; e là vão os Lavradores. Sem conveniencias, não haverã pagas; e là vão os officios. Sem conveniencias, não haverã comercios; e là vão os mercadores. Sem conveniencias, não haverã Frotas; e là vão os Navios. Sem conveniencias, não haverã boticas; e là vão os Medicos. Sem conveniencias, não haverã demandas; e là vão os Letrados. Sem conveniencias, não haverã Tribunaes, e là vão os Ministros. Sem conveniencias, não haverã batalhas; e là vão os Exercitos. Sem conveniencias, não haverã creados; e là vão os Senhores. Todos os homens são os membros, que compoem este grande corpo do Mundo moral; e o interesse he o espirito, que anima este corpo. Keplero seguindo aos Philosphos Stoicos entendeu erradamente, que o Mundo natural era hum animal muito grande, e Plataõ, seguido por Boccio, imaginou, como Gentio, que este grande animal tinha alma. Porém eu ainda que não figo a Plataõ, nem a Keplero no que dizem do Mundo natural, affirmo que he verdadeira a sua Philosphia no Mundo moral; porque todos os homens juntos com-

poem

poem hum animal muito grande, animado com o espirito do interesse. He o interesse aquelle espirito universal, que move, e anima todas as acções humanas: anima os entendimentos, porque os move: anima as vontades, porque as muda: anima as memorias, porque as altera: anima as inclinações, porque as vira: anima os genios, porque os troffe; e anima aos homens, porque ao reclamo do interesse todos acodem. Ninguem repara na indecencia dos meyo, se o interesse persuade as utilidades. Estranhava Tito ao Emperador Vespasiano a torpeza do tributo, que pozera à ourina, e tomando o Emperador huma das moedas, que lhe rendia o tributo, a meteo na mão ao filho, para que visse, que não tinha mão cheiro. A este Hospicio vem dinheiro de todo o Mundo, e todo como no Theouro de Vespasiano tem o mesmo cheiro, todo tem a mesma cor, todo tem a mesma figura, e todo tem o mesmo valor; e se no dinheiro não hã differença, tambem a não hã no modo de o ganhar. Todos ganhamos a vida com o nosso trabalho, e no trabalho todos temos a nossa cruz, que senão pôde levar senão às costas.

§. II.

DE pois de chamarem *Mariola*, e *Homem de Ganhar* ao nosso *Bibliothecario*, criticarão a sua obra os dous Censores, dizendo, que toda a sua erudição era velha, e alheya; porque todas as noticias, que trazia eraõ furtadas de varios Livros. Esta censura logo parece dos Collegias do Collegio de Gestas; porque julgando aos outros por si, entendem, que todos os que se aproveitaõ do alheyo, são ladrõens. Não se aproveitou o nosso *Bibliothecario* de noticias alheyas como ladraõ, se não como *Homem de Ganhar*; porque como *Mariola*, andou mudando, o que estava em huma parte para o pôr em outra parte. Nestas mudanças de facto alheyo se parecem com os *Mariolas* todos os homens mais doutos; porque para ganharem a fama de fabios, o credito de eruditos, e tambem o dinheiro, pelo qual vendem os Livros, não fazem mais, do que acarretar noticias, que estão em casas alheyas; e nesta laboriosa mudança não hã nenhum Author erudito, que não trabalhe mais, que hum *Mariola*. Nenhum *Mariola*, ainda que seja tão agygantado, e valente como o filho d'El Rey de Gratuão, levará de huma vez às costas todos os Livros, com que carregou Lourenço Beyerlinck, quando para ganhar tanto credito, fama, e dinheiro compunha o seu *Theatro da Vida Humana*. O *Theouro das Antiquidades da Grecia*, e *Roma*, de Grevio, e Gronovio, o *Theouro das duas Lingoa Franceza*, e *Hespanhola de César Oudin*, o *Theouro da Lingoa Franceza*, e *Hespanhola de Jeronymo Victor*, o *Theouro Philosophico de Estevoã Chauvin*, o *Theouro da Lingoa Franceza*, e *Latina do Padre Gaudin*, o *Theouro da Lingoa Italiana*, e *Latina de Pedro Galefino*, o *Theouro Pueril de Onofre Povio*, o *Theouro Hispanico Latino de Bartholomeu Bravo*, o *Theouro da Lingoa Portugueza*, e *Latina de Bento Pereira*, o *Diccionario Historico de Luiz Moreri*, o *Diccionario Universal do Abade de Furtiere*, augmentado por *Monsieur Barwal*, o *Diccionario da Academia Franceza*,

za, o Diccionario das Artès, e Sciencias de Monsieur Corneille, o Diccionario Etymologico de Monsieur Menage, o Diccionario da Biblia de Monsieur Simon Pretre, o Diccionario da Biblia de Agostinho Calmet, o Diccionario Universal de Trevoux, o Diccionario geral de Monsieur Cesar de Rochefort, o Diccionario das Antiguidades Gregas, e Romanas de Pedro Danet, o Diccionario Mathematico de Ozanam, o Diccionario Pharmaceutico de Monsieur de Meuvè, o Diccionario Oriental de Monsieur Dherbelot, o Diccionario Economico de Monsieur Noel Chomel, o Diccionario Historico, e Critico de Bayle, o Diccionario Ecclesiastico de Arias, o Diccionario de Musica de Boissard, o Diccionario Geographico de Miguel Antonio Baudrand, o Diccionario Real de Pomey, o Diccionario de Ambrosio Calepino, o Diccionario novo Latino, e Francez do Padre Tachard, o Lexicon Theologico da Joào Altenstaig, Lorichio, Arquerio, e de outros, o Lexicon Juridico de Simão Schardio, o Lexicon de Direito Civil, e Canonico do Alberto de Rosate, Pratejo, Weterano, Brederode, e de Elio Antonio, o Lexicon Mathematico de Hieronymo Vital, o Lexicon Chymico de Guilberme Joboutono, o Lexicon Philologico de Mathias Martinio, o Lexicon Universal de Joào Jacobo Hoffmano, e o Vocabulario de D. Raphaël Blureau, ainda que são muitos, e grandes volumes, e todos carregados do alheyo, não são obras de carregação; porque não sendo a muita erudição, que trazem, fructo da sua lavra, he coheita, e não fructo da sua laboriosa diligencia.

§. III.

EM terceiro lugar censuraõ os senhores Criticos ao nosso *Bibliothecario* por afirmar, que a Estatua do filho d'El Rey de Gratuão, estava na Bibliotheca publica do Castello da Ega, cujo tecto descreevo como hum Ceo estrelado, sendo o chamado Castello desta Villa hum pardieiro descoberto, sem ter dentro Livraria nem Estatua. Porém a esta noticia se responde, que a Estatua deste Principe está vestida daquelle pano, com que sahio hum dia vestido certo Rey (seria o de Gratuão) de quem falla o Principe D. Joào Manoel no seu livro intitulado *Conde Lucanor*, ao qual por ser tecido com rarissimo artificio, só podiaõ ver os homens, que eraõ filhos de legitimo Matrimonio; e sendo tudo isto verdade, devem os Senhores Criticos imitar os Ministros, e Vassallos daquelle Rey, que sem o verem, todos se jactavaõ, de que viaõ o pano, e a El Rey com elle vestido, estando certamente nũ, por não ficarem como o negro, que por se lhe não fazer a face vermelha, não duvidou dizer a El Rey, que estava tão nũ, como sua Mãe o pario. Quanto a não se ver Livraria nesta Bibliotheca, se podia responder, que se não manifestaõ a todos os Volumes, por estarem encadernados nos retalhos do dito pano, que tobejarãõ aos Alfayates, quando cortãõ a El Rey de Gratuão o invisivel vestido; porém bem pôde haver Livraria sem livros, assim como ha adega sem pipas, celeiro sem trigo, almazem sem potes. Hum engaço de uvas, sempre he engaço de uvas, ainda que não tenha bagos: huma reste de cebolas, sempre he reste de

de cebolas, ainda que não tenha senão as palhas : huma borracha de vinho, sempre he borracha de vinho, ainda que não tenha vinho a borracha. Não he logó coufa nova, que sem ter livros, teja este Castello Bibliotheca. He huma Bibliotheca de livros antigos; porque em todas as Livrarias estão estes volumes fechados, e huns sobre outros fazendo parede com a liga das Estantes, como as pedras ligadas com a cal na Bibliotheca da Ega. Finalmente confessa o nosso *Bibliothecario*, que não ha outro tecto neste Castello senão o concavo do Firmamento, porque de outro modo não caberia nelle esta Estatua, senão sendo hum pardieiro sem telhado. E agora saberaõ os Senhores Collegiaes nossos Censores a razaõ, que não podem alcançar, para se collocar esta Estatua em hum edificio arruinado, e não se pôr no seu Collegio, que he hum Palacio principiado ha muitos annos, se ambos elles tem por tecto o Ceo estrelado. Não quiz o artifice desta Estatua deixalla no Collegio de Gestas, por não Iha furtarem de noite os Collegiaes, assim como roubaõ, quanto por alli passa fóra de horas.

§. IV.

CEnsuraõ tambem estes Senhores attribuir o nosso *Bibliothecario* as marés à entrada, que o Gygante de Gratuão faz no Mar Oceano duas vezes no dia, estando hoje averiguado ser esta enchente das agoas admiravel, e portentoso effeito do *Maelstroom* da Noroega. Vem a ser o caso. No Oceano Septentrional para a parte Occidental da Noroega, ha huma famosa voragem chamada *Moskestrom*, ou *Maelstroom*, que vulgarmente se diz ser o ombigo do Mar, ou Septentrional Charybde. Tem esta voragem, segundo alguns affirmão, quarenta milhas de extensaõ, ainda que o Padre Kircker lhe dà só treze milhas de circuito. Esta voragem pelo espaço de seis horas absorbe as agoas correndo para baixo, e pelo espaço de outras seis as torna a trazer para fóra com ruido tão horrendo, que de muitas legoas ao Mar se ouve, quando o Mar está quieto. Movendo-se com furia, não he possível reter, e salvar o Baxel, que se acha na circumferencia do seu movimento. Nem as mesmas Baleas elcapaõ, quando ao perto as apanha; porque depois de tragadas, e despedaçadas nos penedos, sahem para testemunhas, de que foraõ forvidas. Aparecem boyantes os seus fragmentos juntamente com os destroços dos navios ao regresso das agoas. Supposta esta verdade, não se devem attribuir as enchentes, e vazantes das marés aos repetidos lavatorios dos pés do Gygante de Gratuão, quando do ingresso das agoas procede este tão ignorado effeito.

Saibaõ porém os nossos Censores, que assim como Luciano no Dialogo intitulado *Icaromanipe*, faz graciosamente dizer a Manipe, que hum dia fora levado ao globo da Lua, e que chamando-o ella com voz clara, e feminina, ou de mulher, lhe pedira, que representasse a Jupiter a impertinente curiosidade dos Philosophos, que querem saber, quanto ella tem dentro em si, e procuraõ dar razaõ das suas mudanças; porque huns dizem, que he povoada de gente,

e ha-

e habitada como a terra : outros , que fica suspenſa no Ar a modo de eſpelho : e finalmente , que todos lhe eſtaõ tomando a medida , como ſe lhe quizeſſem cortar hum veſtido . Affim , e da meſma forte os Senhores Cenſores nos fazem afirmar , que paſſando nõs por detraz do Sol ſeis legoas , perguntamos ao filho d'ElRey de Gratuão , ſe com effeito era verdade , o que diziaõ os Criticos Collegiaes Geſtianos a respeito da voragem *Moskeſtroom* , e contra o ſeu pedelluvio , ou lavatorio dos pès ? Ao que elle , com voz de trovoadã , respondeo , que as marès ſõ procediaõ de elle meter todos os dias os pès no Mar , como o nõſſo *Bibliothecario* tinha eſcrito ; e por eſta raziã não havia marès no Mediterraneo , e em outros Archipelagos , por serem huns tanques taõ pequenos , que dentro delles não lhe cabiaõ nem os calcanhares . E com eſta declaração refutava de paſſagem a Philoſophia de Scaligero , Snellio , Kircker , Gillio , Typhis , Soares , e outros Sabios , porque ſõ elle tinha tomado pè em materia taõ alta , e profunda . E para não deixar em pè nenhuma duvida nos referio , que a voragem *Moskeſtroom* era a porta do Palacio de Neptuno , donde ſahia , e ſe recolhia a agoa do Mar , quando eſte Numen respirava , ou tomava a inſpiração . Quanto aos fragmentos dos Navios , e pedaços de Baleas , declarou serem ſobejos da cozinha do Monarcha das agoas , que os coſinheiros lançavaõ fóra em fórma de eſcamas de peixe , e gravatos de lenha , como elle vio na occaſião em que foy ſeu hospede . Neste paſſo nos lembrou , que o nõſſo *Bibliothecario* tinha dito , que por não haver lume no Mar , aſſãra o Gygante de Gratuão o peixe do Talmud na ponta do dedo , chegando a Eſphera do fogo , ao meſmo tempo , que eſcreveo houvera chocolate depois da Cea ; e para nos tirar deſta duvida , de que tambem o arguiaõ os Cenſores , perguntamos ao Senhor Gratuão , o que lhe haviamos de responder ? Entãõ deo elle huma grande riſada , dizendo , que em Thomaz Lydiato , referido por Soares no ſeu Tratado de Meteoros diſputa ſegunda , teſiãõ primeira , e numero 172. achariaõ , que no fundo do Mar havia fogo , com que fervia , e ſe accendia aquella grande panela do Occano : *In profundo maris eſſe quosdam vastos bituminis ardentis focos , quibus cõlla illa maris succenditur , & ebullit* . E ſabendo , qu e o nõſſo *Bibliothecario* eſtava compondo , lhe mandou dizer , que eſcreveſſe quantos deſpropoſitos lhe viesſem à imaginação , ſem temor dos Criticos , porque na Livraria da Ega , e em qualquer outra Bibliotheca acharia Authores para tudo .

§. V.

Condennaõ mais ir o nõſſo *Bibliothecario* bulcar às coſtas , como *Mario-la* , para ganhar humas moedas de cobre , a Eſtatuã do Gygante de Gratuão ao Caſtello da Ega , podendo trazer com menos trabalho , e mayor utilidade a de Hercules da cova de Toledo ; porque traria de caminho as muitas riquezas , e moedas de ouro , que neste Palacio ſubterraneo eſtaõ eſcondidas . Não daõ os Collegiaes Cenſores outra noticia deſtas moedas , e riquezas , co-

mo tambem da referida Estatua, pelo que serà necessario contar aos que a não souberem, esta historia, para entenderem a Critica, e a reposta. Na Cidade de Toledo està huma grande, e celebrada cova chamada de Hercules, a qual tem o seu principio quasi no mais alto da Cidade, e dentro na Parochial Igreja de S. Ginéz. Estando a porta dentro na Igreja, por muitas, e justas causas està tapada. Occupa esta cova não só o espaço de toda aquella grande Cidade, mas tambem a distancia de muitas legoas fóra della. Compoem-se este subterraneo Palacio de magnifica, notavel, e primorosa architectura, porque tem muitos arcos, pilares, e columnas, e toda està adornada de pedras lavradas, e miudas. He fama constante, que dentro nesta cova se occultaõ grandes thesouros, e outras cousas igualmente admiraveis, e preciosas. Principiada esta cova por Tubal, foy reedificada por Hercules, para lhe servir de Palacio, e de Aula, para nella ensinar a Arte Magica. Os Romanos a enobrecerãõ com algumas obras, com que ficou mais engrandecida. A hum lado desta dilatada cova edificou Hercules, como Magico, hum Palacio encantado, e dentro nelle deixou pintadas em huns panos humas figuras, e varios caractêres, em que declarava, ou prognosticava a futura perdição de Hespanha. Este Palacio deixou elle cerrado, com huma porta de ferro, ameaçando a quem o abrisse, com esta grande, e sempre lamentavel calamidade. Com este vaticinio communicado por tradição de pays a filhos, se hia conservando com multiplicados ferrolhos, e novos cadeados, que lhe mandavaõ lançar os Reys de Hespanha, cada vez mais fechado este mysterioso edificio. No tempo porẽm, em que reynava El Rey D. Rodrigo, tentando-o a sua grande ambição, e enganado pela cobiça de alguns lizongeiros, se resolveo a mandar abrir a porta, que dentro em huma antiquissima torre se fechava na boca de huma gruta de pedra, com huma tampa de ferro, cheya de innumeraveis cadeados, e ferrolhos, e muito mais defendida, ou cerrada com os perigos, que na lingua Grega ameaçavaõ estas palavras: *O Rey, que abrir esta cova, e poder descobrir as maravilhas, que tem dentro, descobrirã bens, e males.* Sem temor dos males com a esperança dos bens entrãõ pela cova, que abriraõ, os mais valerosos allumeados com lanternas, e outras luzes, e a poucos passõs voltãõ todos correndo com as luzes apagadas, os animos perdidos, os pulsos sem movimento, os olhos sem vista, e o coração sem alento, e todos taõ penetrados de medo, que os mais valentes pareciaõ os mais covardes. Os que recobrados do susto podẽã falar, disserãõ com vozes tremulas, e palavras mal pronunciadas a El Rey Rodrigo, que tinhaõ visto huma espantosa, e formidavel vizaõ. Resolveo-se El Rey a ir diante de todos, acompanhados com luzes, que se não podessẽm apagar, e chegando a huma sala muito espaçosa, e lavrada com primoroso artificio, viraõ no meyo della huma Estatua de bronze de espantosa, e formidavel estatura, posta em pè sobre hum pilar de altura de tres covados, e com hu-

na massa de armas nas mãos estava ferindo a terra com grandes, e muito estrondosos golpes, movendo com elles o ar, e causando o espantoso ruido, que atemorizou os primeiros exploradores, que na cova tinhaõ entrado. Enconjurada por ElRey com orações, e palavras devotas aquella Estatua, e com o protesto de sahir para fora sem lhe fazer aggravo, nem obrar outra acção mais, do que oblervar o que naquella cova estava occulto, cessou a Estatua de ferir a terra com os golpes, como otorgando, e concedendo quanto ElRey para seu mal lhe pedia. Entaõ viraõ, e abrião huma Arca, em que achãraõ o funestissimo pano enrolado, em q se viaõ debuxadas tropas de Arabes, e outros soldados da mesma Nação com turbantes nas cabeças, e armados com adargas, e lanças, ameaçando neste quadro com a invasão desta barbara gente ao infeliz Rey D. Rodrigo esta memoravel, e fatal letra: *Quem aqui chegar, e esta Arca abrir, perdera Hespanha, e sera vencido de semelhante gente.* Fechãraõ outra vez a Arca por ordem d'ElRey, deixando o pano como estava, e notando, a casa para ver se achavaõ algum bem para correctivo de taõ grande mal, viraõ na parede à mão esquerda da Estatua outro letreiro, que dizia: *Rey triste, por teu mal entraste aqui.* Da parte direita se lia em outro: *Por estranhas Nações serás despojado, e as tuas gentes rigorosamente castigadas.* Nas costas da Estatua estava este letreiro: *Arabes invôco,* e nos peitos tinha escrito estas palavra: *Faço meu officio;* e continuando com a diligencia de observar a casa, descobrião a hum lado huma gruta redonda, e dentro nella ouviraõ o estrondoso rumor de hum despenhado rio, e temendo todos o encontro de cousas mais formidaveis, e perigosas voltarão com grande preça para fóra, e a Estatua continuou logo a dar com a mesma força os costumados, e violentos golpes. Tanto, que ElRey se vio fóra da cova lhe mandou fechar a porta, recomendando segredo aos que tinhaõ visto os funestos prognosticos da Estatua, e do pano, como se o silencio dos vassallos podèra emendar o erro do seu Monarcha. Nunca os segredos dos homens, suspendêraõ os supremos decretos, como se vio neste successo; porque na meya noite do mesmo dia-toraõ ouvidos naquelle lugar clamores, e alaridos como de batalha, entre o estrondo das armas, e com hum terremoto se fundio, e sobverteo a torre com hum formidavel estrondo, sem deixar vestigio da ruina.

Para chamarem os Senhores Collegiaes Gestianos *Mariola* ao nosso *Bibliothecario* com enigmas, desencantãraõ a famosa Estatua de Hercules. Como este colosso està em pè sobre hum pilar, que tem altura de trez covados, armado com huma massa nas mãos, cercado pelos lados com os letreiros, que se lem pelas paredes, e carregado com algumas letras pelas costas, publica com o peito, que faz naquelle lugar o seu officio: entendêraõ os Senhores Criticos, que era a imagem do nosso *Bibliothecario*, que està fazendo o seu officio, posto em pè sobre o pilar deste Hospicio, que tem trez covados de altura, e pelas paredes se lem

lem varios letreiros, ao mesmo tempo, que o nosso *Bibliothecario* está tão carregado de noticias, que parece tem alguma grande livraria às costas. Mas para que he chamarlhe Mariola com enigmas, tendolhe já chamado sem remoque? Não quiz o nosso *Bibliothecario* as moedas, e riquezas de Herculea cova encantada, porque se contenta com aquillo, que ganha como *Mariola* com o fuor do seu rosto, deixando esse thesouro para os ambiciosos Collegiaes Gestianos, que como destimidos, e valentes poderaõ brigar com aquelle Cão, que dizem guarda as chaves do thesouro, e quando morraõ como aquelles cobigosos, que por ordem do Eminentissimo Cardeal D. João Martines Saliceo, ou movidos da pobreza, e necessidade perderaõ a vida, não achando outras riquezas senaõ os olhos de ambiciosos, que por cubiça do ouro acabaraõ nesta caverna, sempre ficaõ mais honrados, do que sabindo da cova depois de lhe pôr aquelle *Mariola* de bronze a massa de armas, ou algum pào nas costas.

§. VI.

COm grande furor censuraõ os Collegiaes Gestianos o epitheto de imaginativos, que o nosso *Bibliothecario* deu aos tres Authores Medicos Daniel Sennerto, Rodrigo de Castro, e Miguel Etmullero; porque sendo como Dogmaticos Medicos *Racionais*, não se deviaõ chamar *imaginativos*, por ser esta palavra synonymo de *loucos*. Bem sabemos, que delde o tempo de Cornelio Celfo se começaraõ a chamar *Racionais* os Medicos Dogmaticos, porque na cura das enfermidades se governaõ por discursos, e principios; mas quem poderà negar, que os principios, e os discursos destes Medicos não são imaginações? Na declaração da palavra *Medico* escreve Bluteau no seu Vocabulario este proverbio: *De Medico, e de louco cada hum tem seu pouco*; e se a loucura se não destingue da imaginação, e na mesma balança estão em equilibrio a loucura, e a Medicina, não se podem queixar os tres Authores Medicos de lhe chamar o nosso *Bibliothecario* imaginativos. Como tem imaginação não hã, nem pôde haver raciocinio, todos os Medicos prezados de *Racionais* não podem negar, que são imaginativos. Todos os raciocinios da Arte Medica são opinioens; e as opinioens, como dizem os Philosophos, são formidaveis imaginações dos entendimentos racionais. E daqui se segue, que os Medicos de mayor entendimento, e opiniaõ são os mais imaginativos; porque imaginaõ, ou presumem tanto dos seus elevados discursos, que para se apartarem da vulgaridade, e buscarem a causa das operações da Natureza, não só vagaõ pela regiaõ do Ar, mas sobem tão alto com a lua presumpção aerea, que chegaõ aos espaços imaginarios.

Faz Galeno menção de huys Medicos chamados *Pneumaticos*, porque ao Ar, que entra nos corpos, e aos flatos aereos, que nelles se gerãõ, attribui a sua imaginação todas as operações da Natureza nos corpos viventes. E os que attribuem hum livro de flatos ao grande Hippocrates tambem querem, que elle fosse

fosse *Médico Pneumatico*, como foraõ sem controvérsia Athenco, Archigenes, Asclepiades; e desta Seyta de Medicos aereos, ou imaginativos são Ettmulero, Castro, e Sennerto, porque buscaõ a causa das operações naturaes nos espaços imaginarios, vagando com o seus discursos pela regiaõ do vento. Não he discredito do seu grande engenho, esta arguida loucura; porque sem pouca, ou muita loucura, confôrme diz Seneca, não ha engenho grande: *Nullum Magnum ingenium absque mixtura dementia est*. Esta verdade sustentaremos (melhor do que Feyjoo infamador da Medicina) com huma larga, e já prevenida Apologia, quando fahir impressa (que a Cartas Anonymas, e a manuscritos não respondemos) a *Critica* prometida a favor dos Authores Medicos pelos Senhores Porcionistas do Novo Collegio do Martim Alho, e Noviços do Presépio novo fundado nas obras imperfeitas da Calçada do Correyo, que muito bem sabemos nos trazem ha muito tempo entre dentes; mas dentes de alho não mordem, nem metem dente em materias, que tem dente de *Coelho*, posto que sejaõ dentes de logeitos, que tem barbas.

§. VII.

CEnsurão finalmente os Senhores Criticos de preser o nosso *Bibliothecario* a nova opiniaõ dos Anatomicos modernos, que affirmão procederem as gerações assim dos homens, como dos monstros dos ovos, com que o sexo feminino concorre para a geraçaõ da prole, confessando por zombaria, que o Gygante de Gratuão fora gerado do ovo do Universo, que he despropósito tão grande, que não se acha outro igual, e muito menos ainda mayor em semelhante materia. Porém o nosso *Bibliothecario* não nega, que de ovos procedão algumas gerações humanas, e monstruosas, como foraõ as de Leda filha de Thestio, e mulher de Tyndaro Rey de OEbalio, à qual de hum ovo, segundo refere a Fabula, que ella pario na Cidade de Amycla, lhe nasceu Pollux, e Hellena, e de outro ovo Castor, e Clytemnestra. E sem materia de controvérsia a geraçaõ do Gratuão procedeo do grande ovo do Universo. Sendo muito grande este despropósito, ainda mostraremos nesta materia outro mayor; porque se he grãde extravagancia fingir, que do ovo do Universo nasceu este Gygante; mayor destempero he afirmar, que outro Gygante de hum ovo formara todo o Universo. He caso fabuloso escrito em Historia verdadeira. Por liçaõ do grande Historiador Diogo de Couto retere no Tomo I. do Supplemento ao Vocabulário o Padre D. Raphaël Bluteau declarando a palavra *Japão*, que os naturaes desta Ilha crem como cousa certa, que hum Gygante Senhor dos Ceos, e da terra, tamanho, que tinha hum pé em cima, e outro embaixo, formara de hum ovo, que pos hum gallo, ao Mundo todo, fazendo da gema os Ceos, e os Elementos da clara. Eitando por este modo creado todo o Universo, arremeçou o Gygante dos Ceos huma lança sobre a Ilha do Japão, metendoa pela terra dentro, e da abertura sahio huma mulher muito fermosa. Em hum dia, que esta Da-

ma estava assentada à borda da agoa sahio hum Crocodilo em terra, e pegando naquella Dama a communicou por violencia, ficando ella pejada deste congresso, e a seu tempo pario hum filho, que foy o povoador de toda aquella Ilha. Os *Conguis*, ou Fidalgos da Casa d'El Rey prezaõ-se muito de procederem daquella casta, honrando-se tanto desta illustre ascendencia, que todos os d'escendentes trazem nos calçoens huns rabos dependurados à maneira de Crocodilos. Não he logo muito nova opiniaõ dos modernos Anatomicos, achando-se já entre as Fabulas dos Mythologicos, e as Historias dos mais celebres Historiadores, mas assim nas Historias, como nas Fabulas com mentiras de rabo.

Fica-se reimprimindo a Historia Galega, e outras varias curiosidades.

LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre D. Caetano de Gouvea Clerigo Regular de N. Senhora da Divina Providencia, Qualificador do S. Officio.

V I por ordem de Vossa Eminencia o papel, de que trata esta petiçaõ, e nada tem contra a Fè, e bons costumes. Lisboa Occidental nesta Casa da Divina Providencia de Clerigos Regulares 13. de Janeiro de 1733.

D. Caetano de Gouvea, C. R.

V Ista a informaçaõ, pòde-se imprimir o papel de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença, que corra, tem a qual não correrà. Lisboa Occidental 13. de Janeiro de 1732.

Fr. R. Alancastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.

DO ORDINARIO.

P Ode-se imprimir o papel, de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 14. de Janeiro de 1733.

Gouvea.

D O P A C O.

Approvaçãõ do Reverendissimo Padre D. Jozè Barboza Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das Trez Ordens Militares, Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

S E N H O R.

V I o *Escudo Apologetico*, de que trata a petiçaõ, e nelle não acho cousa porque se lhe não deva dar licença, para se imprimir. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 25. de Janeiro de 1732.

D. Jozè Barboza, C. R.

Q Ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrà. Lisboa Occidental 28. de Janeiro de 1733.

Perera. Alveres. Rego.

Tambem se acharãõ nesta Officina a Relaçãõ da *Onomatopoeia*, e outras varias.